

Bordado e Psicanálise: um estudo de caso sobre a arte como dispositivo clínico¹

Jullyana Silva Rosa ^I Ingrid Fernandes dos Santos ^{II} Katia Cristina Tarouquella Brasil ^{III} 

Resumo

A relação entre a arte e a psicanálise estabelece uma dimensão teórica, prática e epistemológica fundamental. Nesse sentido, propomos, neste estudo, uma reflexão crítica acerca das possibilidades clínicas do bordado manual livre enquanto um objeto mediador na escuta psicanalítica. Para fundamentar essa articulação, adotamos a concepção da marca do caso como orientação metodológica e organizamos o percurso teórico-clínico em três subtópicos. Inicialmente, discutimos as profundas relações entre a arte, a sublimação e o uso de objetos mediadores na clínica psicanalítica a partir de um diálogo com conceitos clássicos e estudos atuais. Em seguida, apresentamos experiências e intervenções que utilizam o bordado em diferentes contextos. Por fim, analisamos um caso no qual o bordado foi empregado como dispositivo clínico em um processo analítico. Consideramos, por último, que o ato de bordar, assim como outros objetos mediadores artísticos e culturais, pode favorecer processos de narratividade e simbolização primária, operando como uma borda estética e contorno que possibilita importantes deslocamentos subjetivos diante da angústia.

Palavras-chave: psicanálise; dispositivo; arte; bordado; objetos mediadores.

^I Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura com bolsa pelo CNPq na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: jusilvarosa@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0986-430X>.

^{II} Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura com bolsa pela CAPES na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: ingridfernandes2628@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0189-7334>.

^{III} Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Professora da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: ktarouquella@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3988-0784>.

Embroidery and Psychoanalysis: a case study on art as a clinical device

Abstract

The relationship between art and psychoanalysis establishes a fundamental theoretical, practical, and epistemological dimension. In this sense, we propose, in this study, a critical reflection on the clinical possibilities of freehand embroidery as a mediating object in psychoanalytic listening. To ground this articulation, we adopt the concept of the case mark as a methodological orientation and organize the theoretical-clinical path into three subtopics. Initially, we discuss the profound relations between art, sublimation, and the use of mediating objects in psychoanalytic practice, based on a dialogue with classical concepts and current studies. Next, we present experiences and interventions that utilize embroidery in different contexts. Finally, we analyze a case in which embroidery was employed as a clinical device in an analytical process. Lastly, we consider that the act of embroidering, like other artistic and cultural mediating objects, can foster processes of narrativity and primary symbolization, operating as an aesthetic border and contour that enables important subjective shifts in the face of anguish.

Keywords: psychoanalysis; device; art; embroidery; mediating objects.

Introdução

A psicanálise, desde Freud, propõe uma compreensão singular do sofrimento humano e da transformação psíquica. Nesse sentido, entre os objetivos de uma análise, destacam-se a suspensão dos recalques, a elaboração das moções pulsionais inconscientes e o trabalho de recordação das experiências recalcadas (Freud, 2017a, 2017b). Nesse processo, sustentado pela livre associação, o sujeito pode produzir transformações subjetivas capazes de interromper certas repetições e reduzir o transbordamento pulsional na forma da angústia (Freud, 2010). Assim, a cura em psicanálise não se refere à simples supressão dos sintomas, mas aos deslocamentos subjetivos que produzem efeitos transformadores sobre eles.

É nessa direção que alguns autores (Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2022; Souza, 2018) aproximam o ato de bordar dos processos de elaboração psíquica, destacando tanto sua dimensão concreta, enquanto prática manual e artesanal,

quanto seu valor simbólico, como gesto capaz de criar bordas e contornos para a experiência pulsional. Tal metáfora encontra expressão na obra de Arthur Bispo do Rosário (1909–1989), em que o ato criativo aparece como forma de organização subjetiva. Por mais de cinquenta anos, ele permaneceu internado na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, em decorrência de um diagnóstico de esquizofrenia, período durante o qual desenvolveu uma produção marcada pelo uso de fios, tecidos, restos e objetos cotidianos. Com esses elementos, ele criava bordados à mão livre e assemblages que compunham um inventário simbólico do mundo.

Consideramos que a história de Bispo do Rosário demonstra como a criação artística pode modificar o olhar social sobre o sujeito, deslocando-o da posição de “doente” para a de artista vanguardista (Souza, 2018). Dessa forma, neste estudo, propomos uma inversão na lógica de análise comumente adotada em leituras psicanalíticas, que tendem a compreender a arte como efeito subordinado à psicose de Bispo do Rosário. Em contrapartida, pretendemos pensá-lo como um artista que também era psicótico, uma modificação que acompanha a própria compreensão psicanalítica do sujeito e a continuidade entre o normal e o patológico.

Isso posto, cabe destacar que a relação entre arte e psicanálise é ainda mais fundamental. A própria gênese da teoria psicanalítica se faz de um vínculo intrínseco com a criação artística: Freud (2015) já afirmava que o psicanalista jamais alcança um ponto onde o artista não tenha precedido. Assim, a aproximação entre arte e psicanálise constituiu-se como um meio de fundamentação metapsicológica, sustentando noções centrais e configurando-se como um verdadeiro pilar teórico-clínico (Kofman, 1996; Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2022).

Essa perspectiva indica que a arte funciona como um modelo privilegiado para a compreensão dos processos psíquicos, regida por leis próprias de figurabilidade e deformação (Kofman, 1996). As construções poéticas, em sua forma, refletem uma edificação cultural que torna visível o conflito entre forças inconscientes que permanecem intraduzíveis pela linguagem do idioma, revelando processos psíquicos e sociais.

Psicanalistas pós-freudianos também se ancoraram amplamente na interlocução com o fazer artístico. Nessa linha, Jacques Lacan (1997) pensa a arte como uma forma de operar simbolicamente sobre o Real (aquilo que escapa à linguagem e à simbolização). A noção de objeto, nessa leitura, é central para a compreensão da arte: o conceito de objeto lacaniano não é algo tangível, mas uma representação da falta que estrutura o desejo (Lacan, 1998). Nesse entendimento, o artista inventa um modo singular de lidar com a falta (Regnault, 2001), construindo uma borda estética em torno do Real.

Donald Winnicott (2019), herdeiro das noções de objeto kleinianas, compreende a criação artística de forma distinta. Para ele, a arte se articula à experiência de continuidade do ser e à criatividade. O autor utiliza a noção de objeto transicional para fundamentar uma concepção de objetos artísticos que promovem espaços transicionais de criação e deslocamento. O gesto artístico nessa leitura é uma extensão do espaço potencial, isto é, de uma área intermediária entre o mundo interno e a realidade compartilhada. Assim, a arte pode manter viva a capacidade de existir criativamente, prolongando o brincar e a experiência de confiança. Essa perspectiva ressalta a interdependência entre as noções de sublimação e de objeto, que, na perspectiva kleiniana, se refere à sua internalização e à sua natureza relacional — envolvendo tanto figuras externas significativas quanto suas representações internas na mente do sujeito.

A partir dessas formulações, é possível ampliar o debate para além de uma filiação teórica específica. Isso pois, independentemente da linha teórica pós-freudiana, a relação entre arte e psicanálise denota uma compreensão ética do fazer psicanalítico: o processo de simbolização como ato criativo/sublimatório. A arte deve avançar a teoria psicanalítica, sendo aplicada à psicanálise, não o contrário, pois a obra de arte ensina o que a teoria ainda desconhece (Regnault, 2001). Existe, nesse sentido, uma função de simbolização na arte que se conecta à ludicidade infantil da criação poética, afirmando que a antítese de brincar não é o sério, mas o real (Maesso; Guerra; Chatelard; 2023).

Dessa forma, neste trabalho, buscamos explorar a intersecção entre arte e psicanálise por meio de um fazer artístico específico: o bordado à mão livre. Inspiramo-nos na vida e obra de Bispo do Rosário, bem como em artistas que destacam a potencialidade do bordado como uma arte subversiva. Fundamentamo-nos na concepção winnicottiana de objetos mediacionais na clínica, esse trabalho busca pensar o bordado como um dispositivo clínico dentro do enquadre psicanalítico, atendendo a necessidades de manejo criativo, que ultrapassa ou antecede o modelo da neurose. Assim, a partir do furo no tecido e da formação simbólica feita pelas linhas, propomos explorar um entrelaçamento entre o fazer artístico e a teoria psicanalítica.

Percurso metodológico

Trata-se de uma pesquisa teórico-clínica orientada pelo modelo de estudo de caso. Contudo, na psicanálise, a construção de um caso clínico possui especificidades próprias. Neste trabalho, seguimos a proposta de construção do caso clínico a partir da noção de *marca do caso* (Dumézil, 1989; Rosa *et al.*, 2013). A marca do caso refere-se a um detalhe singular (gesto, ato ou fragmento) que faz laço entre o sujeito e o analista e que se revela no interior da relação transferencial. Portanto, a marca não está no texto em si, mas no efeito que o caso produz no analista e na forma como esse efeito é elaborado em escrita. Dessa maneira, a construção do caso clínico abandona a busca por uma verdade única e tem por objetivo elaborar um saber sobre o sujeito e sobre a teoria, o analista é, assim, parte constitutiva do caso que narra, e sua elaboração se configura como um processo teórico-transferencial.

Antes da exposição do caso propriamente dito, faz-se para efeito de fundamentação teórico-clínica duas reflexões, que ocupam respectivamente os primeiros dois tópicos da discussão deste estudo. No primeiro discorreremos a respeito da clínica orientada por dispositivos clínicos com objetos mediadores. Já no segundo discutimos a respeito do próprio bordado manual livre e sua intersecção com o campo psíquico.

Ademais, no que se refere ao fragmento clínico analisado no terceiro tópico, esta pesquisa segue as recomendações éticas estabelecidas pela Resolução vigente de 2016 e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da universidade de vínculo das autoras, sob o parecer nº 91710225.8.0000.5540. Para resguardar o sigilo assegurado, além da obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da participante, foram alteradas quaisquer informações que pudessem possibilitar sua identificação.

Sublimação e mediação cultural: transformações pulsionais no dispositivo clínico

Nas considerações teórico-clínicas psicanalíticas, uma das discussões fundamentais diz respeito ao enquadre. Essa expressão deriva do termo italiano quadro — moldura ou contorno — e designa, na clínica, o espaço estável que sustenta a experiência analítica (Bleger, 1977). Ele corresponde à função de envoltório psíquico, ou seja, um campo que contém e regula a emergência pulsional, possibilitando a regressão e a simbolização (Vinot, 2014). Nesse campo, estão contidos aspectos formais do acordo psicanalítico, como a duração das sessões e os honorários. Entretanto, o que é considerado enquadre depende daquilo que precisa ser mantido fixo para promover uma experiência de segurança para cada sujeito. O quadro ou moldura da análise é, portanto, uma estrutura que delimita e dá forma à experiência, garantindo a distinção entre dentro e fora, entre o que pode ser elaborado e o que permanece como excesso (Bleger, 1977).

No entanto, alguns autores defendem que a sustentação clínica não se reduz apenas à estabilidade do enquadre. Nessa direção, Frédéric Vinot (2014) propõe distinguir os conceitos de enquadre e dispositivo. Proveniente do latim *disponere*, colocar separando, o dispositivo designa uma estrutura que opera por corte, separação e mediação, permitindo que algo contínuo e ilimitado, como a pulsão, possa adquirir uma forma simbólica ou representacional. Diferente do enquadre, que oferece um envoltório estável e continente, o dispositivo introduz descontinuidade e promove, com isso, uma nova criação. Sendo enquadre e dispositivo conceitos

dialógicos, consideramos que o dispositivo se insere dentro do enquadre como um disparador, modificando o manejo clínico frente às falhas nas formas primárias de simbolização e as formações sintomáticas contemporâneas (Brun, 2018).

Essa discussão também permite problematizar a centralidade da simbolização verbal na clínica psicanalítica. Embora a relação analítica tenha se estruturado, majoritariamente, pela via da palavra e do jogo associativo compartilhado entre paciente e analista (Winnicott, 2019), nem sempre a linguagem verbal se mostra suficiente para o manejo clínico. Isso se torna particularmente evidente em sofrimentos psíquicos que não se organizam prioritariamente em torno da dinâmica edípica e do recalque neurótico, isto é, em experiências subjetivas mais arcaicas, anteriores à plena inscrição simbólica da linguagem (Roussillon, 2012). Nesses casos, aquilo que não encontra representação verbal pode manifestar-se por meio do corpo, de gestos ou de atuações. Trata-se de estados narcísico-identitários que escapam às formulações linguísticas (Roussillon, 2012). Quando tais expressões não encontram reconhecimento no campo intersubjetivo, podem perder seu potencial simbólico e cristalizar-se em sintomas psicossomáticos ou atuações (*acting out*). O que implica que, mesmo em contextos posteriormente organizados sob a lógica neurótica, pode ser necessária a construção de outras formas de comunicação e simbolização que não dependam exclusivamente da linguagem verbal.

Assim, o dispositivo clínico pode ser entendido como um mecanismo que convida à simbolização dentro da moldura, que é o próprio *setting* terapêutico. Ele opera como passagem do indizível ao simbólico, exercendo o papel fundamentalmente anti-traumático da narratividade (Thomas, 2016). Essa articulação permite ainda compreender que a clínica se configura como uma experiência compartilhável, na qual os dispositivos operam em um espaço intermediário da relação analítica.

Nessa perspectiva, dispositivos clínicos baseados em mediação cultural podem servir como canalizadores de pulsões e criam um espaço de escuta clínica e transferência, articulando o mundo interno e o externo. Esses dispositivos, chamados de objetos mediadores, podem se constituir em jogos, obras artísticas,

escrita ou outros recursos simbólicos, e se ancoram na ideia de que a cultura oferece suporte simbólico e criativo para lidar com o mal-estar (Gusmão; Amparo, 2019).

Contudo, o uso de objetos culturais exige um entendimento mais aprofundado da noção de objeto em psicanálise. No contexto teórico apresentado, o objeto não deve ser concebido apenas como algo externo — como uma pessoa concreta ou um elemento material — mas como uma entidade psíquica. Ele é, simultaneamente, aquilo com que o sujeito estabelece vínculos pulsionais e representacionais, e o que oferece suporte para a construção das capacidades simbólicas. O objeto, portanto, cumpre uma dupla função estruturante: por um lado, é aquilo que o sujeito precisa simbolizar, ou seja, reconhecer como externo, separado e dotado de alteridade; por outro, é também o que possibilita a simbolização, funcionando como suporte psíquico que facilita a transformação da experiência em representação (Roussillon, 2015). Eles configuram espaços transicionais nos quais elementos materiais, dinâmicas grupais e a presença do clínico se articulam para promover processos de simbolização, permitindo ao sujeito experimentar novas formas de relação consigo e com o outro sem exigir verbalização imediata (Brasil; Drieu, 2016).

Essa abordagem encontra respaldo em diversas pesquisas recentes que defendem o potencial dos objetos culturais e das mediações simbólicas em contextos terapêuticos. Nesse sentido, autores demonstram que dispositivos como a fotolinguagem, oficinas de narratividade e outras formas de mediação cultural favorecem processos de simbolização, elaboração subjetiva e criatividade, ao possibilitarem conexões entre o mundo interno e externo dos sujeitos e oferecerem alternativas à destrutividade e à passagem ao ato (Brasil; Drieu, 2016; Gusmão; Brasil; Amparo, 2020; Lima; Kallas, 2016; Thomas, 2016). Esses estudos convergem ao reconhecer a importância dos dispositivos clínicos na construção de ligações intrapsíquicas e intersubjetivas, favorecendo a elaboração da violência e o processo de reflexividade (Roussillon, 2012).

Além disso, diferentemente do objeto transicional (Winnicott, 2019), o mediador cultural é introduzido com o propósito de favorecer a sublimação,

ganhando eficácia pela forma como é apresentado e sustentado pelo clínico. Ou seja, para que o objeto cultural adquira função mediadora, ele deve ser pré-investido pelo terapeuta, uma vez que, diferentemente do objeto tradicional, escolhido pela criança, o mediador cultural é introduzido de modo intencional no processo terapêutico (Thomas, 2016). Sua potencialidade não reside em suas qualidades intrínsecas, mas na maneira como é apresentado e sustentado pelo clínico, que precisa investir na matéria para que ela se torne receptáculo das problemáticas.

Nesse sentido, o objeto cultural artístico deve operar como um meio maleável e menos invasivo para as identificações projetivas (Gusmão; Amparo, 2019), compondo um processo terapêutico que respeita a singularidade do sujeito e seus modos primários de comunicação. A partir de um interjogo brincante, sensório-motor e relacional, os dispositivos mediados por objetos culturais podem exercer tanto uma função continente quanto uma função de vinculação, promovendo conexões intra, inter e transubjetivas nos contextos psicoterapêuticos e analíticos (Birraux, 2012; Lima; Kallas, 2016). Nessa perspectiva, tais dispositivos atraem, organizam e elaboram a vida pulsional, favorecendo a transformação do agir, da somatização e de outras expressões marcadas pela angústia e pela destrutividade em possibilidades de representação psíquica (Durski, 2014).

A construção do bordado como dispositivo clínico

A prática do bordado possui uma longa trajetória histórica. Na contemporaneidade, contudo, ela vem sendo ressignificada como expressão estética, política e identitária, incorporando princípios de sustentabilidade, co-criação e resistência (Silva, 2021). Tal dimensão pode ser observada no trabalho de artistas como Letícia Parente e Rosana Paulino, que utilizam o bordado para elaborar críticas sociais e enfrentar o apagamento histórico das mulheres, especialmente das mulheres negras, na arte e na sociedade (Dias, 2019). Nessa mesma direção, pesquisadoras como Rozsika Parker e Rosa Blanca destacam como o bordado historicamente constituiu um meio de expressão e luta para grupos marginalizados (Dias, 2019). É nesse horizonte de ressignificação que também

se inscreve a produção de Arthur Bispo do Rosário, já mencionado, cujas obras bordadas alcançaram reconhecimento internacional apesar da marginalização interseccional que atravessava sua trajetória como homem negro, nordestino e diagnosticado com esquizofrenia (Nascimento; Lima Neto; Nóbrega, 2022). Assim, compreende-se que o bordado, tradicionalmente relegado ao campo do “artesanato” enquanto uma arte menor, assume na atualidade um uso político e de resistência, atravessado por marcadores de gênero, classe e raça (Dias, 2019).

Nesse contexto, diferentes estudos têm destacado contribuições do bordado no campo da saúde mental e na redução do sofrimento psíquico. Silva *et al.* (2022) demonstram, por exemplo, como as oficinas terapêuticas com bordado se consolidaram como estratégias nos serviços de saúde mental contemporâneos. Já o estudo Marcheti e Anache (2020) aprofundam essa compreensão ao investigar os efeitos terapêuticos do bordado em mulheres atendidas no CAPS. O “Projeto Cabocla: bordando Cidadania”, desenvolvido em Goiás (GO) desde o ano de 2008, caracteriza-se como um outro exemplo de como o bordado pode operar mudanças sociais em contextos de exclusão. Este projeto ensina pessoas privadas de liberdade na Unidade Prisional da Cidade de Goiás a bordar, ocupando o tempo com uma atividade que gera renda e também reduz as penas. Além disso, os participantes relataram benefícios psicológicos, como maior capacidade de concentração e redução da ansiedade (Bordando [...], 2021).

As experiências mencionadas indicam a possibilidade de reconstrução de vínculos sociais, fragilizados pelo sofrimento psíquico e ético-político, por meio dessa prática artística. Nesse contexto, o bordado pode ser compreendido como um objeto da cultura capaz de articular dimensões sensoriais, pulsionais e sociais, ao sustentar tanto a emergência da palavra quanto a produção de narrativas inscritas no próprio fazer. Trata-se, portanto, de uma prática que pode favorecer a elaboração simbólica, seja pela fala que acompanha o gesto, seja pela materialidade da produção artística. Nessa direção, é possível reconhecer no bordado uma dimensão terapêutica, na medida em que contribui para a diminuição do sofrimento. Contudo, do ponto de vista psicanalítico, o terapêutico não se reduz à supressão do sintoma. O que

sustenta a experiência dita terapêutica no viés da psicanálise é a possibilidade de construção e reconstrução de narrativas sobre a própria história (Dias; Rosa; Lima, 2025). Trata-se, portanto, de um processo singular e criativo, no qual o analista também oferece o contorno e enquadramento necessários no processo terapêutico para que o dispositivo possa operar através do simbólico e representacional.

Nessa direção, os trabalhos supramencionados demonstram a possibilidade de subversão de diferentes formas de violência por meio de um fazer simbólico dotado de sentido. Nesse processo, experiências, muitas vezes traumáticas, podem ser narrativizadas, ao mesmo tempo em que, do ponto de vista social, resultam na produção de obras frequentemente reconhecidas como “sublimes”. Embora Sigmund Freud (2020) associe a sublimação à transformação das pulsões em produções culturalmente aceitas, sustenta-se aqui que o caráter criativo não reside propriamente na obra em si, mas no potencial de elaboração que ela comporta para o sujeito que a produz. Além disso, o reconhecimento social de determinadas produções como sublimes do ponto de vista social não implica que outras, não legitimadas nesses termos, sejam menos eficazes do ponto de vista da sublimação. O efeito sublimatório, nesse sentido, não se mede pelo estatuto da obra, mas pela função que ela exerce na economia psíquica do sujeito.

Além disso, a lógica epistemológica da psicanálise e do uso de objetos mediadores fundamenta-se na experiência de vínculo: tanto na relação do sujeito com o clínico quanto deste com o objeto mediador. Nesse movimento, o objeto pode funcionar simultaneamente como receptáculo sensorial das pulsões e como suporte para a construção de narrativas escutadas pelo analista, favorecendo processos sublimatórios e de simbolização. Nessa perspectiva, a proposição do bordado como dispositivo clínico decorre do pré-investimento da primeira autora nessa prática, possibilitando que o bordado opere como mediador da relação com a materialidade, das projeções subjetivas e da construção do vínculo transferencial. Assim, considera-se que o bordado pode constituir uma via de sublimação e simbolização, conforme explorado no estudo de caso clínico a seguir.

Seca, secar, secura: significações bordadas pela arte de Rosária

A partir da discussão teórica, expomos o caso de Rosária, acompanhada por uma das autoras deste manuscrito: uma jovem adulta nordestina e negra, cuja trajetória é atravessada por sofrimentos ético-políticos e deslocamentos regionais. Rosária procurou o espaço clínico por demandas centradas em dificuldades nas relações interpessoais e episódios de recentes crises de ansiedade. Desde o início do processo, Rosária pedia que as sessões fossem mais curtas, alegando “não saber o que dizer”. Sua fala fragmentada e a ausência de associações indicavam um impasse na simbolização. O corpo, contudo, falava: suores, calafrios e inquietações davam forma a uma angústia que o manejo clássico, centrado na escuta silenciosa, parecia apenas intensificar.

Diante desse impasse, propôs-se a introdução de um dispositivo mediador: o bordado. A escolha foi inspirada por uma lembrança que emergira em sessão, quando Rosária relatou ter tentado bordar em outro momento da vida, embora tenha desistido da prática. A psicanalista sugeriu, então, que realizassem uma atividade artística no encontro seguinte, sem antecipar qual seria o objeto utilizado. No dia da sessão, Rosária demonstrou entusiasmo ao encontrar os materiais organizados sobre uma pequena mesa no *setting*. A analista entregou-lhe os materiais e a convidou a bordar uma imagem que a representasse; Rosária escolheu uma flor. Durante a atividade, paciente e analista bordaram em bastidores distintos, evitando o contato direto dos olhares. Essa co-participação instaurou um espaço potencial, nos termos de Winnicott (2019), um campo intermediário entre o interno e o externo, no qual o gesto criativo pôde substituir, ainda que momentaneamente, a circulação de palavras marcadas pela angústia.

O bordado operou, então, como objeto transicional, isto é, uma materialidade investida afetivamente que sustentou o brincar compartilhado e possibilitou a emergência de simbolizações, antes inacessíveis pela palavra (Roussillon, 2012; Winnicott, 2019). Nesse contexto, começaram a surgir lembranças relacionadas às diferenças linguísticas entre sua região de origem e o novo lugar de residência.

Rosária comentou, por exemplo, o estranhamento provocado pela incompreensão da palavra “estalando”, expressão utilizada em sua região natal para designar um corpo “seco”, com a pele ressecada e desidratada, mas que não era reconhecida pelas pessoas da cidade onde passou a viver. Esse detalhe abriu o campo para outras recordações: lembrou-se da mãe, que confeccionava as próprias roupas em uma máquina de costura, e de como ela mesma não demonstrava habilidade para essa atividade. Essa lembrança foi associada às dificuldades características da região de onde veio, incluindo algumas privações financeiras. Ainda assim, essas privações eram menos incisivas em sua família, o que permitia que ajudassem outras famílias da comunidade.

A palavra “seca” e seus derivados passaram a aparecer em diferentes contextos nessa mesma sessão. Inicialmente, como lembrança de um cliente de seu trabalho, cuja pele muito seca a levou a comprar-lhe um creme hidratante, presente que, por vergonha, nunca chegou a entregar, guardando-o por vários dias em sua bolsa. Rosária observou também que a flor que havia bordado estava seca. Ao final da sessão a analista destacou a repetição da palavra “seca”, e, a partir desse apontamento, ela formulou a reflexão: *“a flor é seca, assim como eu, e assim como o Nordeste”*. Rosária decidiu levar consigo o bordado ao final da sessão e essa repetição foi destacada como marca do caso: um signo condensador da experiência de falta e aridez simbólica.

Ao analisarmos a dimensão política da marca do caso, é necessário atentar também aos atravessamentos socioeconômicos. A seca atribuída ao Nordeste — e a identificação que Rosária faz com esse estado de aridez — relaciona-se aos diversos estigmas historicamente associados às regiões nordestinas, especialmente às do interior, frequentemente descritas como territórios de escassez, carência de recursos e de acesso a direitos básicos. Nesse sentido, o ser nordestina aparece tensionado pela questão da secura, que, além de indicar um traço de seu Eu, carrega um transbordamento simbólico. Isso pois a secura adquire um significado cruzado, articulando a falta externa, social e territorial, à falta interna, subjetiva, expressa como uma suposta indisponibilidade para o contato com outras pessoas.

Para Rosária, a “seca” emergia como um significante da falta, conectando simultaneamente dimensões sociais e psíquicas: no plano social, expressava a precarização material e os processos históricos de marginalização do Nordeste; no plano subjetivo, indicava as dificuldades de inscrição simbólica de sua posição enquanto mulher nordestina em um novo território. Desse modo, a *secura* operava tanto como uma borda defensiva — tentativa de conter o excesso afetivo que transbordava no corpo — quanto como índice de falhas nos processos de simbolização. A passagem ao corpo, manifestada nas crises de ansiedade e nos sintomas físicos, oferecia notícias de um funcionamento psicopatológico associado às problemáticas narcísico-identitárias e às falhas nos modos primários de simbolização descritos por Roussillon (2012).

Na sequência das sessões, Rosária passou a sustentar encontros mais longos e a produzir novas associações em torno da “seca”, significante que gradualmente se desdobrava em diferentes sentidos: a *secura* da terra, da pele e dos afetos. Descrevia-se como alguém que “não escuta”, “não gosta de conversar” e “é insensível”, formulações que puderam ser acolhidas e trabalhadas na transferência, revelando um imaginário marcado pela dureza e pela necessidade defensiva de retraimento diante do outro.

Entre as lembranças evocadas nas sessões subsequentes, Rosária relatou um episódio da infância em que uma forte chuva inundou sua casa, obrigando-a, junto à família, a passar a noite retirando a água do chão. À imagem da seca regional sobreveio, então, a memória do excesso, da inundação e do transbordamento. A partir disso, tornou-se possível apontar que a “seca” talvez não dissesse apenas de uma ausência ou indisponibilidade afetiva, mas também de uma tentativa de contenção frente a uma intensidade emocional vivida como avassaladora. Sob a aparente aridez, havia igualmente uma dimensão pulsante de disponibilidade ao outro, perceptível, por exemplo, no gesto de comprar um hidratante para alguém em necessidade, ainda que jamais conseguisse entregá-lo.

Observa-se, portanto, que a introdução do bordado como dispositivo clínico mediador operou, nesse caso, como um suporte simbólico capaz de favorecer

o processo associativo e a elaboração psíquica, produzindo deslocamentos na posição subjetiva de Rosária diante da angústia e da própria possibilidade de fala. A narrativa mediada pela manualidade possibilitou tanto uma ligação intrapsíquica da paciente com aspectos de sua própria história, quanto uma articulação transubjetiva, relacionada ao ambiente de origem e aos sentidos culturalmente atribuídos a esse território. Ao bordar junto à analista, Rosária pôde experimentar uma modalidade de *holding* simultaneamente material e simbólica. O espaço clínico constituiu-se, então, como um meio maleável, sustentando passagens entre o dizer e o fazer. Desse modo, o caso demonstra a potência do brincar compartilhado, investido por analista e paciente, na construção de uma narrativa que não se reduz apenas ao plano dos significados das palavras, mas que também se tece na textura sensível do gesto criativo e da experiência estética.

Considerações finais

Defendemos, neste manuscrito, sobre a ligação epistemológica entre arte e psicanálise. Embora existam diferenças significativas entre as vertentes pós-freudianas, a arte permanece vinculada às noções de sublimação e criação. Nesse contexto, a relação histórica e teórico-clínica entre ambas ressalta a importância de se pensar a arte na psicanálise, e não a psicanálise como forma de colonizar o fazer artístico. Assim, o ato de criação transmite a continuidade de uma formação brincante, que aproxima a análise de uma brincadeira compartilhada entre o psicanalista e o artista-analisando.

Os “brinquedos” utilizados como instrumentos simbólicos na psicanálise figuram, sobretudo, pela via da palavra, essa que comunica, deforma e figura o que escapa à consciência. No entanto, quando os brincantes não compartilham dos mesmos instrumentos de criação, isto é, quando a palavra não é suficiente, surge um importante impasse: poderia a clínica psicanalítica recorrer a outras formas de simbolização além da palavra?

A partir dessa questão, voltamo-nos às concepções de dispositivos clínicos que dialogam com a ideia de objetos transicionais e mediadores culturais,

especialmente no atendimento de demandas clínicas que ultrapassam o manejo neurótico. Nesse sentido, idealizamos um dispositivo clínico baseado no uso do bordado manual livre e, a partir do atendimento de Rosária, defendemos uma forma de narrativização que percorre e fura o corpo que transborda, enquanto constrói simbolicamente, no tecido, formas de ligação intersubjetiva e transubjetiva. Consideramos, portanto, que Rosária, assim como Bispo do Rosário, utilizou o bordado como forma de furar e bordar seus próprios sintomas, tornando a narratividade uma aliada anti-traumática, que facilitou o deslocamento do campo da inibição para o da livre associação.

Referências

BIRRAUX, A. Violência e objetos culturais. In: AMPARO, D. M. et al. (org.). *Adolescência e violência: intervenções clínica, psicossociais e educativas*. Brasília, DF: EdunB, 2012. p. 227-238.

BLEGER, J. *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BORDANDO Cidadania. Produção Vicente G. Gielen. Goiás: Cabocla Produções, jul. 2021. 1 vídeo (31 min 34 s). Publicado pelo canal Cabocla Milena Curado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TziFEU582g>. Acesso em: 18 jun. 2026.

BRASIL, D. D.; DRIEU, D. (org.). *Mediação, simbolização e espaço grupal*. Brasília: Liber Livro, 2016.

BRUN, A. A escuta das formas primárias de simbolização no trabalho analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 35-53, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2018000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2026.

DIAS, A. O.; ROSA, J. S.; LIMA, P. M. R. A dimensão terapêutica da escrita de cartas: uma metodologia de construção de fonte no ensino remoto emergencial (Goiás – 2020). *Revista Trilhas da História*, Três Lagoas, v. 14, n. 29, 2025. DOI: <https://doi.org/10.55028/th.v14i29.22954>.

DIAS, M. A. C. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 11, n. 23, p. 50-61, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175234611232019050>.

DUMÉZIL, B. *La marque du cas: écriture et transfert*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

DURSKI, L. M. Ser ou ter um corpo? a problemática psíquico/somática a partir da metapsicologia freudiana. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 35, n. 1, p. 89–100, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2014v35n1p89>.

FREUD, S. Construções em análise. In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p. 247-256. Original publicado em 1937.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-123. Original publicado em 1926.

FREUD, S. Lembrar, repetir e perlaborar. In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b. p. 99-106. (Original publicado em 1914).

FREUD, S. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13–122. Original publicado em 1907.

FREUD, S. O Mal-estar na cultura. In: FREUD, S. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 305-409. Original publicado em 1930.

GUSMÃO, M. M.; AMPARO, D. M. Dispositivo clínico de cuidado com jovens em medida socioeducativa. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Fundação Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GUSMÃO, M. M.; BRASIL, K. T.; AMPARO, D. M. Mediações terapêuticas com adolescentes: a fotolinguagem como dispositivo clínico. In: AMPARO, D. M. (org.). *Adolescência: psicoterapias e mediações terapêuticas na clínica dos extremos*. Brasília: Technopolitik, 2020. p. 67–92.

KOFMAN, S. *A infância da arte: uma interpretação da estética freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

LACAN, J. A coisa freudiana. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 402–437.

LACAN, J. *O seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. livro 7: A Ética da Psicanálise.

LIMA, M. G. R.; KALLAS, R. G. M. Cara a cara com os personagens familiares: o uso elaborativo do jogo a partir de uma abordagem winnicottiana. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 36, n. 2, p. 43–52, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2015v36n2p43>.

MAESSO, M. C.; GUERRA, M. N.; CHATELARD, D. S. Através da arte e da psicanálise: o que (não) se escreve. In: CHATELARD, D. S.; MAESSO, M. C.; RILHO, V. (org.). *Inconsciente e escrita*. Curitiba: Appris, 2023. p. 119–129.

MARCHETI, P. M.; ANACHE, A. A. Tecendo vias de superação dos danos gerados pelo transtorno mental. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 11, n. 1, p. 3–25, 2020. DOI: <https://Doi.Org/10.5433/2236-6407.2020v11n1p0>.

NASCIMENTO, Z. A.; LIMA NETO, A. A.; NÓBREGA, T. P. Corpo, arte e loucura em Arthur Bispo do Rosário. *Psicologia USP*, v. 33, e200187, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200187>.

REGNAULT, F. *Em torno do vazio*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

ROSA, M. D.; MOREIRA, J.; GUERRA, C.; SOUZA, J. M. P. Clínica e política interrogadas pelo ato infracional: a construção do caso. In: MOREIRA, J.; GUERRA, C.; SOUZA, J. M. P. (org.). *Diálogos com o campo das medidas socioeducativas*. Curitiba: CRV, 2013. p. 75–92.

ROUSSILLON, R. A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 257–286, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2026.

ROUSSILLON, R. As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 7–32, 2012. Disponível em: <https://rositaesteves.com.br/archives/Roussillon-As-condicoes-da-exploracao-psicanalitica-das-problematicas-narcisico-identitarias-.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2026.

SILVA, L. S. L. L. Do bordado tradicional ao contemporâneo: processos de ressignificação. 2021. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2021.

SILVA, M. A. P.; GIACON-ARRUDA, B. C. C.; MARCHETTI, P. M.; TESTON, E. F.; VEIVENBERG, C. G.; LIMA, H. P. Bordando saúde: percepção de mulheres em sofrimento psíquico sobre a vivência em uma oficina terapêutica. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 27, p. e81933, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.81933>.

SOUZA, G. N. A borda do nó de Bispo do Rosário. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 91–102, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2018000200008. Acesso em: 2 maio 2026.

THOMAS, T. R. M. Trabalho de narratividade com adolescentes em residência terapêutica. In: BRASIL, K. T.; DRIEU, D. (org.). *Mediação, simbolização e espaço grupal*. Brasília: Liber Livro, 2016.

VINOT, F. Pulsion et médiation: qu'est-ce qu'un dispositif? In: VINOT, F. (org.). *Les médiations thérapeutiques par l'art: le réel en jeu*. Toulouse: Érès, 2014. p. 23–45.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Nota

- 1 Este trabalho contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsas de Mestrado e Doutorado, concedidas, respectivamente, à primeira e à segunda autoras.

Recebido em: 19 de junho de 2026

Aprovado em: 07 de agosto de 2026